

COLÓQUIO POÉTICAS DA NARRATIVA E FIGURAÇÕES DA HISTÓRIA

PROGRAMAÇÃO

☉ 13H30 ABERTURA

☉ 14H00 MESA I: MODERAÇÃO DE PEDRO BRUM SANTOS

Vidas precárias, vidas em risco na ficção de António Lobo Antunes: perspectivas entre literatura, clínica e política

Juliano André Kreutz

A dimensão perceptiva-cognitiva na construção dos pontos de vista em *Passagens*, de Teolinda Gersão.

Karen Adorno

Dois romances de Mário de Carvalho: dois narradores

Pedro Rogério Tavares

☉ 15H30 MESA II: MODERAÇÃO DE RAQUEL TRENTIN OLIVEIRA

O ocre da cor local: realismo grotesco em *Meu tio, o lauretê*.

Ulisses Karnikowski

Condado de Yoknapatawpha sob o olhar histórico e geográfico

Yasmim Kader

COLÓQUIO POÉTICAS DA NARRATIVA E FIGURAÇÕES DA HISTÓRIA

🕒 16H30 MESA III

Sobrevida do herói camoniano e transfuncionalização da história em *As Naus*, de António Lobo Antunes

Raquel Trentin Oliveira (UFSM)

Os Lusíadas e Uma Viagem à Índia: entre poesia e história

Marcelo Lachat (UNIFESP)

🕒 18H ENCERRAMENTO

⚠️ **INSCRIÇÕES GRATUITAS POR FORMULÁRIO (LIMITE DE 40 VAGAS)**

⚠️ **CERTIFICADO DE 4H AOS PARTICIPANTES**

⚠️ **LINK PARA A INSCRIÇÃO:**

<https://forms.gle/XhsztArKWJvcRfyx7>

A Despedida, 1930, Antonio Gomide (MASP)

PROMOÇÃO:



**GRUPO DE PESQUISA
LITERATURA E HISTÓRIA**

EMENTÁRIO

Vidas precárias, vidas em risco na ficção de António Lobo Antunes: perspectivas entre Literatura, Clínica e Política

Juliano André KREUTZ

A Clínica e a Literatura participaram da invenção do *indivíduo moderno*: a primeira, ao enunciar discursos científicos sobre o indivíduo (FOUCAULT, 2008); e a segunda, no século XIX, ao provocar uma maneira de ler particular, associada à ideia de autonomia da obra de arte, que contribui com a formação dos “sujeitos liberais” (CULLER, 1999). Na contemporaneidade, descentramentos, fragmentações e deslocamentos caracterizam e sinalizam o fim (ou a transformação radical) das categorias de sujeito e de identidade (HALL, 2006). Este projeto de pesquisa investiga possíveis metamorfoses da noção de sujeito na interface entre discursos clínicos e literários. Em seu recorte mais específico, investigará *como se configuram experiências-limite, vidas precárias, em risco, na ficção de António Lobo Antunes*. O processo de pesquisa incluirá duas etapas: a) Análise do Discurso de textos da crítica da ficção antuniana que recorre a noções das Ciências da Saúde; b) Análise de *cenários de dissensão* (RANCIÈRE, 2021), que provoquem desestabilizações nos entendimentos sobre corpos e experiências (a)normais, em romances do autor português. Problematiza-se, nos discursos da teoria e da crítica literária, como as definições dos limiares entre normal e patológico operam com as categorias de sujeito e de identidade e intervêm na construção das possibilidades interpretativas e na inteligibilidade da ficção antuniana. Propõe-se a ampliação das possibilidades de exegese de narrativas ficcionais, a partir da análise das perspectivas de narradores e de personagens associadas às condições em que uma forma de vida é ameaçada e transforma-se.

A dimensão perceptiva-cognitiva na construção dos pontos de vista em *Passagens*, de Teolinda Gersão

Karen ADORNO

Neste trabalho, analisamos a combinação entre a dimensão perceptiva e a dimensão cognitiva na *(re)construção* dos pontos de vista no romance *Passagens* (2014), de Teolinda Gersão. A trama inicia com o velório da matriarca Ana, falecida em uma casa de repouso em Lisboa. A sua morte é catalisadora para uma sucessão de pensamentos de seus parentes enquanto estão ao redor do seu caixão. O modo narrativo singular de *Passagens* faz com que o leitor tenha de administrar e de processar vários discursos não verbalizados, contínuas trocas de pessoas enunciativas e múltiplos sujeitos perceptivos que remetem a diferentes universos de crenças das personagens. Para explorar essa dinâmica pessoa-perspectiva-discurso/pensamento na expressão de pontos de vista dos locutores sobre os objetos de discurso considerados, recorreremos à narratologia pós-clássica e à abordagem enunciativa do ponto de vista.

Dois romances de Mário de Carvalho: dois narradores

Pedro Rogério TAVARES

O narrador e protagonista de *Um deus passeando pela brisa da tarde* diz o seguinte, antes de dar início às suas memórias: “O que não conseguir recordar, comporei, sem qualquer escrúpulo”. Recordar e compor são aqui as duas faces de uma mesma moeda: a moeda da ficção, a ter lugar no Império Romano, no século II de nossa era. “Onde é que eu ia?”, pergunta-se, algo ironicamente, o heterodiegético narrador de *Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto*, narrativa na qual conhecemos figuras banais de uma Lisboa contemporânea, da última década do século XX. O autor de ambos os romances mencionados é o português Mário de Carvalho, e, neste trabalho, realizaremos algumas considerações sobre eles, em especial sobre os seus narradores, recorrendo, para iluminá-las, à contribuição de textos teóricos e, também, literários.

O ocre da cor local: realismo grotesco em *Meu tio, o Iauaretê*

Ulisses KARNIKOWSKI

A literatura de Guimarães Rosa dialoga com alguns dos aspectos mais populares e primitivos da cultura brasileira. Em sua busca pelo que nos parece uma matéria nuclear bruta do brasileiro, o ocre que tinge o sertão mineiro dá o tom da beleza rudimentar de sua urdidura literária. Isso pode ser visto no conto *Meu tio, o Iauaretê*, no qual um onzeiro sertanejo dialoga acerca de sua proximidade com as onças das redondezas onde vive, manifestando pela linguagem uma espécie de fusão com o ambiente natural do sertão. O projeto literário rosiano dialoga com as teorias de Bakhtin acerca da inserção do popular e da oralidade no romance moderno, tendo no seu conceito de Realismo Grotesco, o núcleo dessas manifestações originárias. Dessa forma, esta pesquisa objetiva perceber de que forma os elementos que margeiam o Realismo Grotesco estão presentes no conto *Meu tio, o Iauaretê*, de Guimarães Rosa. Partindo de uma mimetização dos aspectos rudimentares da fala do seu narrador-personagem, Guimarães Rosa constrói algo novo e cria a linguagem de um homem-onça, um sujeito que se encontra em um estado de segregação e abandono social tão intenso, que se vê mais próximo dos animais e do ambiente sertanejo, do que da humanidade. O grotesco se manifesta, assim, pelo jeito quase inlegível (inaudível) de falar do onzeiro, além da inserção de traços da cultura popular folclórica, como o ato de beber em comunhão, a visão orgânica do outro, além do trato de assuntos de baixa estirpe. Rosa transmite, com isso, uma literatura que reflete sobre a linguagem, o ambiente natural, o social e o humano, em uma simbiose que torna difícil separar cada um deles.

Condado de Yoknapatawpha sob o olhar histórico e geográfico

Yasmim Naif Amin Mahmud KADER

O objetivo deste trabalho é salientar a relação da História e da Geografia a partir dos mapas desenvolvidos por William Faulkner, e estudiosos de seu trabalho, para o condado fictício de Yoknapatawpha, criado à imagem do Sul dos Estados Unidos, terra natal do autor. Segundo Barcellos (2009), a Geografia, que hoje procura novas alternativas para formas de apreensão do espaço, muito tem a ganhar através da incorporação crítica de discursos com a literatura, os quais podem servir como recursos de renovação metodológica. Além disso, Edward Said (1935-2003) escreveu sobre a relação estreita entre essas três áreas das ciências humanas. Ciente da falta de interesse pela literatura sob o ponto de vista histórico, deparou-se com a sugestão de Auerbach (2008) em *Mimesis*: “todos os registros escritos do passado os quais herdamos estão saturados da história de suas próprias épocas” (SAID, 2001, p. 402). Por seu turno, Paul Ricoeur (2008) afirma que somos todos leitores de história quanto somos de romance (RICOEUR, 2008, p. 311). Considerando Auerbach e Ricoeur, podemos afirmar que a geografia está cada vez mais suscetível a quebrar suas antigas barreiras para abrir a possibilidade de uma visão interdisciplinar, conforme procuramos demonstrar na proposta.

Os Lusíadas e Uma viagem à Índia: entre a poesia e a história

Marcelo LCHAT (UNIFESP)

Em busca das histórias (e não da História) inseridas nos diferentes tempos em que se inscrevem *Os lusíadas* (1572), de Luís de Camões, e *Uma viagem à Índia* (2010), de Gonçalo M. Tavares, configura-se esta comunicação, incapaz de atualizar a epopeia camoniana que hoje consiste em uma assombrosa ruína letrada do século XVI e que perdura na obra de Tavares somente como estrato recoberto de paródia, de ironia e de melancolia contemporânea. Entre *Os lusíadas* e *Uma viagem à Índia*, propõe-se este trabalho – não como ponte, mas como abismo, no qual se dissolvem poesia épica e história.

Sobrevida do herói camoniano e transficionalização da história em *As naus*, de António Lobo Antunes

Raquel Trentin OLIVEIRA (UFSM)

N' *As naus*, de António Lobo Antunes, romance publicado em 1988, a incorporação pelas personagens de elementos que remontam a cinco séculos da história ultramarina portuguesa, como se tivessem, sobrenaturalmente, sobrevivido ao tempo da colonização e vivenciado as suas consequências históricas, sobretudo a guerra colonial e o processo de descolonização das décadas de 60 e 70, é o que mais surpreende o leitor. O retorno de Camões, Vasco da Gama, Diogo Cão, Pedro Álvares Cabral, Manoel de Souza da Sepúlveda e outros, com seus despojos históricos, e a chegada a um Portugal em radical crise pela perda das suas colônias, lembra mesmo aquelas histórias de fantasmas que voltam para aterrorizar os vivos e cobrar pendências mal resolvidas do passado. A fascinação por esse enredo insólito, temática e criticamente tão profícuo, é tanta que muitas vezes ofusca o interesse por outros aspectos também importantes, como o próprio deslindamento dos mecanismos ativados pelo autor para dar “sobrevida” (REIS, 2015) a essas figuras históricas. Esta análise intenta cercar, então, os dispositivos figuracionais (REIS, 2015) da personagem Vasco da Gama, em busca de desvendar o modo como Lobo Antunes se apropria e ativa uma memória em torno dessa figura histórica, ao mesmo tempo em que a subverte ao privilegiar elementos novos e disruptivos que acabam também por resultar na desconstrução dos principais alicerces da narrativa colonial.

PROMOÇÃO:



GRUPO DE
PESQUISA
LITERATURA E
HISTÓRIA

